

CAMINHANDO NAS PAISAGENS DE SAL

WALKING ON SALT LANDSCAPES

Sergio Augusto de Oliveira / UNESP

RESUMO

O artigo aborda o caminhar como prática estética e como metodologia de trabalho na pesquisa de campo que tem nas Paisagens de Sal seu objeto de análise. Numa abordagem que descreve as reflexões geradas a partir dos percursos do autor nas salinas de Araruama/RJ e no Deserto do Atacama/Chile, como parte de uma pesquisa que se baseia em residências artísticas realizadas nestes locais e que objetiva a coleta de dados sobre a presença da matéria Sal como elemento constituinte destas paisagens.

PALAVRAS-CHAVE: Caminhar, residências artísticas, salinas, sal, arte contemporânea

ABSTRACT

The article approaches the way as the aesthetics and the methodology of work in the field research that has in the Landscapes of its object of analysis. In an approach that describes the reflections generated from the author's journeys in the Araruama salt flats / RJ and the Atacama Desert / Chile, as part of a research that is based on artistic residences, which maintains localities and aims to collect data on a presence of material Salt as a constituent of landscapes.

KEYWORDS: *Walking, artistic residences, salinas, salt, contemporary art*

A caminho do sal

Percorrer caminhos se tornou a principal ferramenta para a coleta de dados e reflexões na pesquisa de Doutorado que desenvolvo e que está atualmente em fase de finalização, após ter sido aprovada em exame de qualificação realizado em abril de 2018¹.

As caminhadas tornaram-se a forma que encontrei para aliar uma afinidade, um gosto pessoal, com o trabalho de arte, de maneira próxima a de diversos pensadores e estudiosos que também se utilizaram das caminhadas para produzir suas reflexões, sejam no campo da arte, da filosofia ou do cotidiano, que em todos os casos é uma ferramenta poderosa de conexão entre o pensar, agir e refletir.



Figura 1: Serjão Augusto (1972-)
Caminhantes em trilha no Vale de la Muerte nos arredores de San Pedro de Atacama, Chile, 2016
Acervo pessoal

Assim como o filósofo Jean-Jacques Rousseau descreve as suas caminhadas “solitárias” como um meio de “manter um registro fiel e dos devaneios que preenchem quando deixo minha mente livre por inteiro e minhas idéias seguirem suas inclinações, sem resistência e sem dificuldade” (ROUSSEAU, 2008, 16) as caminhadas, para mim, funcionam como um meio de entrar em contato aprofundado com o meu objeto de pesquisa, de modo a permitir o acesso às camadas mais internas e complexas das *Paisagens de Sal*² que busco contato.

OLIVEIRA, Sergio Augusto de. Caminhando nas paisagens de sal, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2708-2722.

O caráter eminentemente visual do caminhar também se adequa a esta necessidade de aprofundamento no meu objeto de pesquisa. A possibilidade de apreciar o mundo à volta, enquanto caminhamos, produz a assimilação do novo e de reflexões que oxigenam, a partir da movimentação física, o pensamento e a incorporação de novos dados à percepção.

Ao caminhar se produz um ritmo que induz o caminhante a dialogar com o espaço que o abarca, numa troca de energias capaz de produzir pensamentos que surgem numa analogia à ideia de paisagem, e que vamos observando e digerindo conforme nos deslocamos dentro dela.

Desta forma, o corpo dialoga com a mente numa compreensão de mundo que se torna mais abrangente, profunda e completa, traduzindo-se numa harmonia entre esses entes, fundamental para o equilíbrio e completude do ser humano.

O caminhar, por outro lado, permite a perda, o extravio do controlado, já que atua no campo das descobertas e do desconhecido. As situações inesperadas e o descontrole podem surgir e desconstruir situações que antes eram planejadas.

Caminhar também remete, principalmente nos dias atuais a uma resistência às facilidades da vida contemporânea, principalmente por força dos nossos hábitos que se tornam cada vez mais tecnológicos, digitais e dos meios de locomoção modernos, que nos trazem um certo comodismo e uma postura de conforto, portanto romper com esse pressuposto do nosso tempo também traz um rompimento com um modo de vida esperado e próprio da época contemporânea, gerando um questionamento quanto ao uso racional e lógico do nosso tempo.

A multiplicação de tecnologias em nome da eficiência está, na verdade erradicando o tempo livre ao possibilitar a maximização do tempo e do espaço para a produção e a minimização do desestruturado entretempo de percurso. As novas tecnologias que economizam tempo tornam muitos trabalhadores mais produtivos, e não mais livres, num mundo que parece acelerar ao redor deles. Além disso a retórica de eficiência que envolve essas tecnologias sugere que não há como valorizar aquilo que não se pode quantificar, que aquela vasta coleção de prazeres que entram na categoria de não fazer nada em particular – devanear, contemplar nuvens, divagar, namorar vitrines – não passa de vazios a serem preenchidos com algo mais definido, mais produtivo ou acelerado. (SOLNIT, 2016, p.30)

Também a característica de nos colocarmos enclausurados em nossas casas, de vivermos guardados sob o nosso conforto, em nossa época, seja pelo medo da violência ou mesmo pelo comodismo não nos permitem mais nos atirmos às possibilidades que o mundo externo nos proporciona, nos faz perdermos progressivamente, de certa forma, a coragem de conhecer e nos aprofundarmos no mundo real, vivendo sob a bolha ilusória da interação que nossos aparelhos digitais nos vendem. Nos tornamos, desta forma, reféns das nossas máquinas, com a falsa verdade que elas nos conectam ao mundo, permitindo estar em qualquer lugar ou conhecer todas as facetas que o mundo digital e contemporâneo nos oferece.

Nesse sentido, caminhar no mundo real permite romper com essa regra que nos é imposta, permitindo viver efetivamente as possibilidades materiais e sensoriais que o mundo apresenta. Faz-nos compartilhar, de fato, as características que se apresentam e que nos produzem efetivamente a experiência.

Nessa linha, também a opção por esse método de conhecer o mundo produz resultados que se apartam daqueles esperados, sendo portanto um meio de juntar informações sobre o mundo que divergem daqueles mais usuais e tradicionais na busca de conhecimento.

Sendo assim, optei pelas caminhadas como forma de gerar dados para a minha pesquisa, pois essas de fato contemplam a experiência como forma de adquirir conhecimento e produzem impressões sobre o mundo que são particulares e derivadas de uma forma própria de estabelecer diálogos com o meu objeto de pesquisa.

Após realizar três residências artísticas – Araruama/RJ em 2014, Atacama/Chile em 2016 e Araruama/RJ em 2018 – no intuito de explorar o conceito de *Paisagens de Sal* que venho desenvolvendo desde o início do Doutorado em 2015, percebi que a realização de caminhadas surgiu como uma prática que se demonstrou capaz de me conectar aos espaços geográficos da pesquisa, de maneira extremamente intensa e visceral, propiciando uma conexão corporal com o meu objeto de pesquisa. Este contato com o espaço que também conecta os impulsos, ritmos e movimentos corporais produziu reflexões, frutos da mente, que nessas condições interagem

entre si, estruturando os resultados que foram gerados a partir das residências realizadas.

O próprio caminhar é o ato intencional que mais se aproxima dos ritmos involuntários do corpo, da respiração e da pulsação. Estabelece um equilíbrio delicado entre o trabalho e o ócio, o ser e o fazer. É um esforço físico que nada produz além de pensamentos, experiências, chegadas.[...] caminhar é um estado no qual a mente, o corpo e o mundo se alinham, como se fossem três personagens que finalmente se põem a conversar, três notas que, de repente, formam um acorde. (SOLNIT, 2016, p.22).

Gradualmente fui percebendo que o processo de pesquisa estava necessariamente atrelado à condição de experimentação do espaço, a partir do contato direto com as materialidades que o constituem, estipulando assim, vivências que me conduziram por caminhos construídos por matérias e pelos diálogos resultantes do meu encontro e contato com estas matérias.

Durante o processo de pesquisa fui percebendo que o sal interfere nas matérias com as quais está em contato, produzindo resultados cromáticos e superficiais que reverberam as qualidades materiais de cada um dos elementos presentes nas reações que ocorrem nestas situações dialógicas.

Ainda no decorrer da pesquisa encontrei aspectos que foram indiciando e determinando essa inclinação pelas caminhadas na minha formação, ativando aspectos da memória, como uma espécie de elemento que fazia a ponte entre passado, presente e futuro, entre as experiências vividas e suas correspondências na atualidade.

[...] os grandes andarilhos costumam percorrer a paisagem urbana e rural da mesmíssima maneira, e até mesmo passado e presente se encontram quando caminhamos como faziam os antigos ou revivemos um fato histórico ou um acontecimento de nossas próprias vidas refazendo seu itinerário (SOLNIT, 2016, p.15)

Nesse sentido, uma das primeiras influências, ainda na infância, foi meu pai, que era um desbravador nato. Um homem que gostava de estar em contato com a natureza e, sobretudo de caminhar nela. Herdei isso dele. Muitas vezes, quando criança, acordava pela manhã e ele havia saído para realizá-las, sem nada previamente programado. Talvez a passagem pelo Exército tenha reforçado isso nele. As suas passadas largas, em ritmo de marcha militar, são inesquecíveis para mim, pois

quando íamos juntos a algum lugar eu me esforçava para acompanhá-lo, tendo que correr para fazê-lo.

Minha inclinação para o contato com o espaço, o caminhar, bem como o apreço que fui construindo por pequenos objetos também se deu, possivelmente, através do contato que tive com as expedições e caminhadas que meu pai realizava comigo. Certamente o gosto por trabalhos de campo, por caminhadas, pelo desbravar terrenos diferentes e pelas descobertas através da coleta de objetos representativos de lugares específicos derivou de experiências e memórias atreladas às possibilidades que construí estimulado pelo meu pai.

Caminhando por Araruama e pelo Atacama

Caminhando em Araruama, em 2014, na primeira residência que realizei na minha trajetória artística, percebi que o funcionamento das salinas assemelha-se à estrutura de um corpo que se constitui de partes, onde cada uma tem uma função dentro do todo. O movimento dos moinhos, o som dos vegetais movimentando-se ao sabor do vento, bem como o ritmo do caminhar sobre o terreno arenoso das trilhas dentro das salinas, trouxeram relações associadas aos movimentos da caminhada, que me permitiu acessar o espaço da salina, assim como aproximá-lo da regularidade provocada pela ação presente na salina e em mim mesmo.

Esta experiência me fez perceber o quanto as transformações acontecidas quando os materiais dialogam entre si ou quando se transmutam a partir do contato físico entre eles e que podem ser verificados no contexto das salinas, sendo uma espécie de ampliação das experiências realizadas em ateliê.

As águas que circulam entre os poços, bombeadas pela ação dos moinhos, determinam a produção do sal, intensificando e alimentando o seu ciclo. Suas mudanças de estados físicos, a passagem e mudança de estado do sal mediante as variações de temperatura, umidade e ventilação também são aspectos importantes na região das salinas, pois depende destes elementos a maior ou menor produção.

Portanto, as transformações acontecidas e observadas *in loco* determinam o caráter vital da salina, aludindo à vida que corre por entre os processos de formação e que se multiplicam dentro e fora dela. São imagens e sons que aludem,

metaforicamente, aos processos do corpo, por isso se conectam a ele de forma tão integrada, a partir do método 'caminhar'.

Quando fui para o deserto do Atacama no Chile, em 2016, para a realização da segunda residência da minha pesquisa, já havia percebido a importância e a relevância que as caminhadas exerciam na coleta de dados e de como elas seriam a base para o diálogo que buscava estabelecer com o meu objeto de pesquisa. Por isso instituí uma programação de caminhadas nos diversos dias que estive lá para poder explorar, mais eficientemente o lugar.



Figura 2: Serjão Augusto (1972-)

Registro de formações rochosas obtidos no caminho para a Caverna do Diabo nos arredores de San Pedro de Atacama, Chile, 2016
Acervo pessoal

No primeiro dia caminhei por áreas próximas à Vila de San Pedro do Atacama, onde fixei base, na intenção de conhecer a *Caverna do Diabo*. Ali, caminhando por alguns quilômetros, registrei as estruturas rochosas, que me chamaram a atenção pelo seu caráter de formação em camadas, visivelmente constituídas por elementos que se misturavam entre minerais, terra, rochas e sais, apresentando-se em linhas brancas horizontais, que dividiam as várias camadas que se sobrepunham. Essas faixas se mostraram para mim como um registro da história de formação geológica do lugar, conduzindo os olhos pelos meandros das histórias que elas simbolizam.

Ao seguir pelo caminho à Caverna do Diabo, a sinuosidade e os gargalos do percurso, além do quase silêncio (só se ouve o vento e os pássaros) que transformam a visita em algo misterioso e até medonho. Nestas condições, tive medo algumas vezes de seguir caminho, por me sentir sozinho e mesmo pelo caráter silencioso e imponente do lugar. Titubeei, pensando em desistir, diante do cansaço e fadiga que me acometeram durante o percurso.

Embora tivesse ido de bicicleta, percebi que seria melhor sair a pé, pois a mesma facilidade de rápida locomoção ela proporcionava, também impunha dificuldades dependendo do terreno a ser explorado. Queria subir em alguns montes de terra durante o percurso, mas o peso da bicicleta me fazia pensar algumas vezes, lembrando o mito Sísifo³, que em muitos momentos surgia para me alertar sobre o eterno empurrar pedra acima.

O esforço físico tem uma presença na minha trajetória que também representa fundamentalmente algo potencial. O gosto pelo fazer, pela transformação material através do gesto, pela alteração das características físicas das matérias, pelas qualidades materiais, pela ação do homem que transforma o mundo, sua aparência e origem, e ao mesmo tempo, constrói conjuntamente o mundo visível.

A opção pelo labor como opção (ou consequência) na produção artística adequa-se ao que Bachelard cita comparando à narrativa de Robinson Crusóe

Na solidão ativa, o homem quer cavar a terra, furar a pedra, talhar a madeira. Quer trabalhar a matéria, transformar a matéria. Então o homem não é mais um simples filósofo diante do universo, é uma força infatigável contra o universo, contra a substância das coisas.(BACHELARD, 2008, p.24)

Deste modo, quando o exercício do fazer artístico toma o trabalho, a força física, como elemento transformador do mundo, o artista deixa de ter uma atitude contemplativa diante do mundo e da matéria; e a transforma, tendo na matéria a resistência necessária para perceber essa transformação, assim como o poder através da força que exerce sobre ela.

Como o 1º dia havia sido bastante exaustivo fui dormir por volta das 22h00 planejando acordar cedo e alugar uma bicicleta, para rodar o máximo possível e assim, aproveitar bastante o dia. Carpe Diem!⁴

Segui pelo asfalto em direção a Calama com a informação do Lourenço, taxista que havia me trazido no trajeto entre Calama e San Pedro do Atacama, de que a distância para acessar a Cordilheira de Sal era de três quilômetros. Pensei que fazer esta distância de bicicleta seria tranquilo, pois levaria no máximo uma hora para chegar ao meu objetivo, porém não levei em consideração o caráter íngreme do percurso, que era dificultado por ser subida na direção de Calama.

Ao seguir pela estrada, inicialmente pedalando, percebi que aquilo que o Lourenço tinha me apresentado na noite de chegada a San Pedro era somente um fragmento de uma área mais abrangente, aliás, a grandiosidade e amplitão das montanhas que se sucedem é impressionante, formando um encadeamento sequencial que produz uma sensação de solidão e imponentia pelas dimensões impostas pela paisagem. A repetição da característica geográfica da paisagem, com montanhas que, embora variando de dimensões tendem a confundir a visão humana, resultando numa relação de questionamento inevitável relacionado à escala, dimensão e ritmo. Percebi que aquilo que tinha pensado ser a entrada à Cordilheira de Sal era, na verdade apenas um ínfimo fragmento dela.

Percorri cerca de um quilômetro e meio, chegando a um dos vários mirantes que existem na estrada, onde realizei uma série de fotografias, bem como realizei a intervenção “Homenagem a Richard Long e Coletivo 308”

A Cordilheira de Sal é um complexo de montanhas enormes, abrangendo uma área imensa, sendo que o acesso para o Valle de la Muerte é indicado por uma placa de sinalização. Próximo da entrada havia uma guarita onde me informei sobre a distancia da caminhada: três quilômetros e meio de subida, depois mais um quilômetro para chegar ao mirante. Encarei a subida, empurrando a bicicleta na esperança de em algum momento existir ao longo do caminho uma área plana para que pudesse ir pedalando, para aliviar as pernas e descansar um pouco. Me enganei.



Figura 3: Serjão Augusto (1972-)
Homenagem a Richard Long e Coletivo 308, 2016
Intervenção realizada com rochas coletadas nas Cordilheiras de la Sal, nos arredores de San Pedro de Atacama, Chile
Acervo pessoal

A subida mostrou uma diversidade de montanhas, de variadas dimensões, entremeadas por montes de sal e minérios que coloriam linda e ricamente a paisagem. Recolhi algumas pedras.

Em determinados pontos da subida a areia solta do caminho dificultava e exigia uma força descomunal das pernas, pois faltava apoio para dar as passadas, além de ter que empurrar a bicicleta que, a certa altura, pesava muito mais que seu peso real.

Uma das situações que vivenciei foi a sensação de “calor e frio ao mesmo tempo”: ao caminhar no sol, o suor escorria, entretanto ao chegar numa sombra produzida pelas montanhas o vento batia na roupa molhada com o suor, produzindo uma sensação horrível. Um mal estar corporal provocado pela roupa molhada. Esta situação aconteceu várias vezes durante a subida para o Mirante. Uma sensação péssima.

Pensei em desistir algumas vezes, sendo tentado a pensar que não precisava, necessariamente, realizar essas façanhas. Poderia ter optado em fazer os tours como os turistas fazem.

Mas não. Não seria, de fato, a mesma situação, sobretudo por que não seria o meu trabalho. Uma pesquisa com características materiais, com o peso e densidade das matérias. Produzida com a necessidade da mão que toca a matéria, transformando-a, testando seus limites físicos, tensionando as estruturas que a formam, moldando-a, questionando-a. A resistência é uma característica recorrente na minha trajetória.

Lembro de ter olhado a garrafa de água um pouco antes de chegar ao final dos três quilômetros e já tinha consumido mais da metade da garrafa. Comecei a economizar água. O problema é que com a rarefação do ar parece que a necessidade de beber água aumenta. Por três ou quatro vezes tive que parar de subir para poder respirar. Ficava às vezes ofegante e a respiração natural demorava a voltar ao normal. Tinha que sentar e ir respirando mais lentamente.

Cada movimento, cada passo, metro, curva, montanha se sucediam num filme interminável ditado pelo enredo do cansaço e da resistência física e psicológica. Tudo organizado numa espécie de “Via crucis”⁵, “martírio” temperado com algo físico e entranhado à questão corporal.

Neste sentido, a ideia de residência teve um forte impacto na *escala* da intensidade e forças que atuam no meu trabalho, fundando estacas, pilares que reestruturariam as energias presentes neste campo de atuação de forças dentro da pesquisa e trabalho.

Chegando ao final da subida tirei fotos da trilha e avistei um carro que não conseguiu subir. Senti-me forte, resistente e recompensado diante do visual incrível e, sobretudo por ter alcançado o objetivo, podendo desfrutar daquele momento como experiência única na minha vida.

No mirante a vista proporcionada é incrível. Estar a 2.500 metros de altura produz uma sensação de conquista e grandeza, ao mesmo tempo em que dialoga com o espaço e com a escala de maneira única. As grandes montanhas tornam-se pequenos pontos salpicados sobre uma ampla superfície que formam um relevo muito típico. Um visual esplêndido que recompensa qualquer esforço.



Figura 4: Serjão Augusto (1972-)

Registro da trilha de subida pra o Valle de la Muerte, nos arredores de San Pedro de Atacama, Chile, 2016
Acervo pessoal

No 3º dia parti para a lagoa “Trenbitche”, “Ojos del Salar” e “Laguna Cejar”. Todas com predominância de elementos visuais associados ao sal. Alguns locais bastante parecidos com Araruama, principalmente pelo caráter plano dos terrenos, assim como pelas cores que se desdobravam a partir da luminosidade bastante incidente ali.

O colorido das lagoas, com seus elementos minerais e vegetais, que dialogando com o sal produz colorações que vão dos laranjas, amarelos, passando pelos verdes e azulados, pontuando os minerais que se espalham pelos caminhos. Permaneci ali nas lagoas durante várias horas, onde fiz muitos registros fotográficos e observei o vai e vem de vans com turistas que chegavam e saíam freneticamente.

Percorri durante um bom tempo por caminhos sobre uma área imensa coberta de sal. Estes caminhos foram estruturados para que os visitantes vivenciassem a experiência de percorrer sobre a camada de sal, porém poucos se dispunham a percorrer o caminho, devido a sua extensão. A maior parte dos visitantes se contentava com os selfies que são produzidos na entrada da estação e em pontos já preparados para isso.

Ao acessar a área da lagoa pensei no aspecto da caminhada como elemento de descoberta e de exploração na minha pesquisa, a partir da residência em Araruama e que, agora retornava como forma de refletir sobre o espaço, percorrendo-o de forma física. O corpo como parte do trabalho, praticamente uma ação performática, visto que a ação corporal de deslocamento remetia a estas características.

Eu pensava intensamente no trabalho de artistas como Richard Long, Robert Smithson e Lygia Clark, os quais com suas marcas sobre o espaço, deixavam também suas impressões e vestígios nos caminhos que percorriam, seja através de rochas e minerais que iam encontrando, pelas marcas do trajeto que faziam ou mesmo pela ação de caminhar física ou simbolicamente.

Isso era justamente a maneira como eu também interferia sobre a paisagem, fazendo-a ser reconstruída e ativa dessa maneira, podia demonstrar certo resultado da ação que exercia sobre o espaço em que atuo, vivo e reflito.

Durante o caminhar vi a crosta de sal que recobria toda aquela área, sendo percebida através de buracos surgidos no solo e indicavam que aquilo que os pés tocavam era somente uma parte de toda uma materialidade oculta, sob meus pés. Havia todo um habitat que se escondia e tinha sido configurada pela ação do tempo.

Naquela altura e diante da inspiradora experiência, retomei algumas reflexões que vinha amadurecendo na pesquisa. Ali, diante do Valle de la Muerte, pensava em como cada sujeito construía, fechando elos de percepção, aquela cena que se apresentava, diferentemente para cada um.

O conceito de Paisagem de Sal, adequado fundamentalmente à essência da minha pesquisa e que, ali prostrado e incorporando ativamente os elementos que compõem o Valle de la Muerte surgiam especificamente para aquela paisagem. A replicação de alguns efeitos visuais que havia conseguido em ateliê presentes no espaço e incorporados às características daquele lugar especificamente.

As cores, luzes, transparências e materialidades compunham algo único, próprio dali. Os diálogos entre matérias que se apresentavam constituídos naquela cena ganhavam um corpo numa materialidade bastante densa e carregada de peso, força e energia.



Figura 5: Serjão Augusto (1972-)
Registro de lagoa de Sal Trenbitche, nos arredores de San Pedro de Atacama, Chile, 2016
Acervo pessoal

Considerações finais

Olhando para as residências realizadas em Araruama e no Atacama percebi que as caminhadas tornaram-se fundamentais para o exercício de conexão com os espaços objetos da minha pesquisa, sendo uma prática que potencializou as reflexões, análises e resultados derivados delas.

Notei que as características fenomenológicas e empíricas foram fundamentais para a obtenção de dados na pesquisa, dando-lhe uma feição própria e que só se deu a partir da escolha deste método como abordagem para o desenvolvimento do trabalho.

A partir destas constatações, pretendo intensificar a ferramenta caminhar como meio de obtenção de resultados nesta pesquisa, bem como ampliar suas conexões e relações, no intento de aprofundar o reconhecimento sobre as Paisagens de Sal.

Notas

¹ Autores como Nelson Brissac, Francesco Careri, Ernest Jones, Rosalind Krauss e Mark Kurlanski, além dos constantes na bibliografia, foram fundamentais para a construção das reflexões que foram sendo construídas ao longo da pesquisa e que são apresentadas em parte neste artigo.

² *Paisagem de Sal* é o termo que utilizei, desde o fim do Mestrado (2014), para me referir aos locais que tem o sal como a matéria presente na constituição de algumas paisagens, onde a presença desta matéria interfere

diretamente na constituição visual destes espaços e que também são o foco da minha pesquisa de Doutorado, utilizando as residências e caminhadas para tal.

³ Segundo a mitologia grega Sísifo, rei de Éfira, é condenado por Zeus a empurrar eternamente uma grande rocha montanha acima e que ao chegar ao cume rola novamente para baixo, castigo por revelar que Zeus havia sequestrado Egina.

⁴ Carpe diem é uma frase em latim de um poema de Horácio, e é popularmente traduzida para “colha o dia” ou “aproveite o momento”. É também utilizado como uma expressão para solicitar que se evite gastar o tempo com coisas inúteis ou como uma justificativa para o prazer imediato, sem medo do futuro.

⁵ A via-crúcis (do latim Via Crucis, "caminho da cruz") é o trajeto seguido por Jesus carregando a cruz, que vai do Pretório até o Calvário. O exercício da via-sacra, como também é chamada, consiste em que os fiéis percorram, mentalmente, a caminhada de Jesus a carregar a Cruz desde o Pretório de Pilatos até o monte Calvário, meditando simultaneamente na Paixão de Cristo.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade: Ensaio sobre a imaginação das forças*; tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão – 3ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*; tradução Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2017.

SOLNIT, Rebecca. *A História do caminhar*; tradução Maria do Carmo Zanini. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

Serjão Augusto

Serjão Augusto mora e produz em Guarulhos/SP. Professor e Artista. Mestre e Doutorando em Artes pelo IA/Unesp sob orientação do Profº Dr. José Paiani Spaniol. Trabalhou com arte educador em instituições como Pinacoteca do Estado de São Paulo, XXIV Bienal Internacional de São Paulo, Instituto Itaú Cultural e outras. Atua como docente na Uninove e UNG-Univeritas. Participou de exposições coletivas e individuais. Membro do Coletivo 308.